

Uma vida

Carlos Cruz

No dia 22 de Maio de 1948, cerca das oito horas da manhã, um miúdo de seis anos saiu do camarote na área contígua aos porões e subiu até ao *deck* de bombordo do navio *Lourenço Marques*. Sentiu o ar exterior que, apesar da hora, era bastante quente por efeito de um sol forte que já pairava, intenso, sobre a baía de Luanda. Olhos bem abertos, percorreu com eles todo o cais, de ponta a ponta, e deixou-se tomar pelas imagens e por impressões. A estibordo, era diferente: o mar estendia-se lá em baixo, delimitado por uma língua de terra, a distância razoável. Uma ilha onde, mesmo ao longe, reconheceu bastantes contornos de palmeiras que notou serem mais magras do que a que tinha deixado na sua casa em Parceiros de São João, aldeia onde nascera e onde tinha vivido até aí, a nove quilómetros de Torres Novas. Viria a descobrir que aquelas palmeiras se chamavam coqueiros.

Não perdeu muito tempo com a ilha. Era no cais que se encontrava a acção: um espectáculo que se desenrolava onde o *Lourenço Marques* tinha atracado ao romper do dia.

Notou uns vultos dentro de cabinas, no alto de guindastes, que comandavam e coordenavam uma rotina repetida sucessivamente. Do longo braço de cada torre pendiam cabos com poderosos ganchos na extremidade. Estes seguravam enormes redes e eram guiados até às entranhas do navio. Passados razoáveis momentos regressavam ao exterior, com as redes cheias das mais variadas bagagens. Depois de esvaziadas por grupos de homens, regressavam ao ventre do *Lourenço Marques* a buscar nova carga.

Era uma espécie de coreografia monótona e sem emoção. Por isso mesmo, a sua atenção desviou-se e pousou no que realmente

o estava a surpreender de forma única: nunca tinha visto um preto! E por muito que tivesse imaginado, aquele primeiro contacto apanhou-o de surpresa. Afinal havia pessoas de cor diferente! Nem valorizou os muitos brancos que no cais aguardavam familiares ou amigos. Ali se manteve a observar todos os movimentos dos pretos que descarregavam os guindastes, arrumavam bagagens, transportavam malas e outros volumes para o edifício da Alfândega. A surpresa era ainda maior ao constatar, sem entender, que quase todos eles vestiam apenas pedaços do que deviam ter sido calças, camisolas ou camisas. A maioria estava descalça. Uns descarregavam os guindastes e outros eram contratados para transportar a chamada bagagem de cabina, enormes malas.

Desceu com os pais atrás de dois desses carregadores que levavam para terra as malas da família. Junto ao final da escada, esperavam os seus dois irmãos mais velhos que já viviam em Luanda. A fim de vinte e um dias de viagem, o miúdo de seis anos pisava o continente africano. Dele apenas sabia que havia pretos, palmeiras e bichos selvagens.

Ainda confuso com as primeiras imagens e sensações sentiu que aquele era o primeiro dia do seu futuro. E preparou-se para viver longe da paisagem claustrofóbica da aldeia que tinha deixado sem saudades.

Esse miúdo de seis anos era eu!

«Ó mãe, conte lá o milagre...»

Pouco depois das vinte horas do dia 24 de Março de 1942, minha mãe, Emília Pereira Cruz ou Emília da Conceição Pereira¹, grávida de nove meses, começou a sentir contracções. Aproximava-se a hora do nascimento do seu sétimo filho. Dos outros seis, morreu o primeiro, uma menina que, com apenas 16 meses não resistiu

¹ Minha mãe chamava-se Emília da Conceição Pereira e meu pai José Abreu Cruz. Daí o meu apelido e o dos meus irmãos: Pereira Cruz. Mas meu pai (quando foi à Conservatória) declarou inconscientemente, que minha mãe se chamava Emília Pereira Cruz. Sou o único filho com essa filiação materna.

a uma disenteria. Dos cinco restantes, dois já eram adultos; os outros tinham 16, 11 e 8 anos. Foi chamada a Sra. Maria da Assunção, a parteira da aldeia.

Nasci portanto em casa, o que era habitual naquelas paragens.

Nasci de olhos abertos. Minha mãe fazia sempre questão de o sublinhar, nas nossas conversas, divertida.

Também me recordava, frequentemente, o momento em que soube da gravidez. Era a sua forma de dizer que me amava. Oiço-a:

– Quando disse às mulheres [da aldeia] que estava à «tua espera» elas diziam-me: «Ó mulher, não seja maluca. Já tem cinco filhos e vai agora com essa idade [43 anos] ter outro?... Desmanche, mas é, isso.» E eu respondia-lhes: «Deus me livre! Onde se criam cinco, criam-se seis.» E vieste tu. Foi a melhor decisão da minha vida.

Perguntava-lhe então, porquê a melhor?

Respondia a sorrir:

– Porque és um filho muito bom e muito inteligente. Até nasceste com os olhos abertos! A parteira, quando te viu, disse-me logo: «Ó Emília: este vai ser muito inteligente. Até já vem de olhos abertos.» [Sorriso.]

Tenho muitas saudades dessas cavaqueiras com a minha mãe e lamento não ter estado mais presente nos últimos anos da sua vida. Falava com ela ao telefone, é certo. Mas devia ter vencido mais vezes a inércia do quotidiano e do trabalho e ter-me deslocado a Parceiros de São João onde ela vivia, por opção, na casa onde nasci e onde dormia na mesma cama em que me deu à luz. Só raramente vinha passar alguns dias comigo, em Lisboa. Não tenho grandes arrependimentos de coisas que fiz. Mas arrepenho-me muito de não ter feito outras. Topo da lista: mais visitas à minha mãe.

As nossas conversas eram sempre divertidas e cheias de amor. E havia um tema incontornável. Era o teste que eu fazia à sua memória na tentativa de encontrar uma falha que denunciasse muita ficção no seu relato. Nunca: a descrição foi sempre a mesma até ao fim dos seus dias. Falo dos acontecimentos na Cova da Iria, em Fátima, no dia 13 de Outubro de 1917, o chamado «Milagre do Sol». Ela estava lá. E sempre que eu lhe pedia «Ó mãe, conte lá o milagre de Fátima», ela respondia a sorrir «Lá estás tu», mas continuava, com notório prazer no tom:

– Olha filho, chovia muito, chovia se Deus a dava, estava tudo encharcado, a terra, as pessoas. Era uma multidão². E de repente, o Sol veio direito à Terra, muito depressa, parecia uma bola de fogo. No mesmo instante ficou tudo seco... as pessoas estavam cheias de medo e muitas gritavam. Depois ficou tudo calmo e a Lúcia começou a falar com Nossa Senhora.

– Mas a mãe viu Nossa Senhora? – perguntava-lhe.

– ‘Tás doido? Só a Lúcia é que podia ver e ouvir.

– E Nossa Senhora respondeu?

– Deve ter respondido, porque a Lúcia continuava a falar com ela. Mas só ela e os outros dois é que podiam ouvir.

Li várias explicações para o que aconteceu naquele dia. Desde a versão de que foi uma mistificação encenada por uma família de Leiria ao argumento de que o episódio foi uma manifestação de óvnis e extraterrestres³. Até hoje, sem tentar explicar nada, imagino a imagem do Sol transformado em bola de fogo, a girar em direcção ao solo. Foi o que minha mãe viu. Ou pensa que viu. Lembro-me do Sr. Serafim Vieira, açoriano, que entrevistei para a RTP⁴ e que relatava a presença de um disco voador no paiol que estava à sua guarda na ilha Terceira.

Desloquei-me, para o ouvir, àquela ilha num ruidoso avião *C-130* da Força Aérea Portuguesa ao serviço do programa *Horizonte*, de Baptista Rosa, em meados de Fevereiro de 1968. O avistamento do «aparelho redondo» que deixou uma marca circular no mato rasteiro tinha acontecido na noite de 31 de Janeiro para 1 de Fevereiro no Lugar do Cabrito, Cinco Picos, ilha Terceira.

Serafim Vieira Sebastião afirmou que «estava de serviço de guarda no posto de munições na área do Cabrito» (Cinco Picos, ilha Terceira) a ouvir o relato de futebol Setúbal-Sporting. O rádio emudeceu, ele desligou-o e voltou a ligá-lo, mas nada. Sentiu um zumbido, saiu para fora do posto e viu «um objecto estranho aproximar-se do paiol (...) Viu entrar uma grandíssima claridade (...) donde

² As crónicas falam em 70000 pessoas.

³ *Fátima Desmascarada* de João Ilharco, e *Fátima: Nos Bastidores do Segredo* de Fina d'Armada e Joaquim Fernandes.

⁴ Ver «Insólito – Divulgação do Fenómeno OVNI» de Olivério Gomes, 2005.

vi aquela grandíssima projectação projectar para os paióis (...) e vi quatro homens, dois dentro e dois fora (...) só senti um zumbido como se fosse um enxame de abelhas (...) só vi visivelmente, vi uma viseira, a cor do fato que ali estava era uma cor de chumbo (...) e tão depressa acendi o foco para a projectação para eles, aquilo moveu-se tão rápido e senti logo uma projectação de projector uma luz muito forte, tive de tapar a cara, senti logo uma coisa tão estranha, um gás, uma poeira que atacou e caí no chão e não soube mais nada». Serafim Vieira Sebastião contou a sua história toda, disse que o objecto era «de forma oval, com brilho metálico e culminava numa torre de vidro (...) pelo ruído e pela forma não era avião, nem helicóptero, nem balão».

Vi que a relva à volta estava queimada desenhando um círculo e aquele homem era conhecido como sério, forte, considerado, pai de sete filhos, e naquela noite deu entrada no banco do Hospital Regional, cerca da uma hora da madrugada.

A entrevista terminou com a minha pergunta:

– O senhor Serafim tem a certeza do que viu?

– Sim, senhor: vi visivelmente visto.

Foram tentadas várias explicações para o acontecido, desde campos eléctricos a hipótese de sugestão por um programa sobre discos voadores transmitido quatro dias antes pela TV americana das Lajes. Ele disse que não viu esse documentário. É minha convicção, até hoje, que ele viu qualquer coisa anormal. Também minha mãe, decerto viu, visivelmente visto, o Sol vertiginoso da Cova da Iria.

Nasci portanto de olhos abertos, na noite de 24 de Março de 1942, numa casa situada na esquina da EN 361 com a Rua da Palmeira, nome dado em homenagem à enorme árvore que meu pai plantou quando casou com minha mãe, e que é quase centenária.

Nasci sob o signo do Carneiro, com ascendente Escorpião – seja lá o que isso quer dizer – quando minha mãe tinha 43 anos, meu pai 53 e tinham cinco filhos vivos. Não estava nos seus planos. Eu não devia ter nascido. Mas nem a pílula nem a televisão existiam ainda. Fui, portanto, produto de um descuido.

O casamento de meus pais foi uma história de amor à primeira vista, que também ouvi repetidamente ao longo dos anos, entre duas pessoas com maneiras de ser opostas. Ou complementares.

Um exemplo concreto de harmonia dos contrários. Até ao fim das suas vidas o amor manteve-os unidos apesar, ou por causa, das diferenças que evidenciavam: minha mãe, mulher de pequena estatura, aparentemente frágil, era toda meiguice, doce. Lá em casa era ela que criava e geria todos os afectos. Meu pai era alto, estatura forte, austero, rigoroso, exigente com todos, com os filhos e com ele próprio. Minha mãe era compreensão, perdão, solidariedade e amor incondicional pelos filhos a quem protegia dos rigores disciplinadores de meu pai.

Tenho que reconhecer que beneficiei do facto de ter nascido fora de tempo. Fui o brinquedo novo. Logo, tive todos os mimos como se fosse o filho de todos e de cada um. Beneficiei também por sair da aldeia e ir crescer em Luanda. Contava-me minha mãe que até a sisudez do marido desaparecia na minha presença.

Repetidamente recordava-me, vaidosa, que meu pai lhe dizia com frequência, junto ao berço, como eu era um bebé bonito. E concluía: «Ó Emília! Não devíamos fazer mais nada.»

José Abreu Cruz conheceu Emília da Conceição Pereira em Torres Novas, de onde ela era natural. Ele era de Parceiros de São João. Minha mãe era dama de companhia de uma menina em casa da família Schiappa e era tratada como filha. Nesse dia, excepcionalmente, a Emília foi ajudar os pais na venda de melões na Feira do Melão, em Torres Novas, e o José foi comprar alguns quilos. Segundo a versão que me repetia de tempos a tempos, nos regressos que fazia ao passado para me manter ligado à memória de meu pai, foi amor à primeira vista. Mútuo.

Para fundar família, meu pai construiu uma casa mesmo à beira da estrada, num terreno que, calculo, não é inferior a oitocentos metros quadrados. De paredes muito grossas, como se fosse um castelo, a mansão tinha uma enorme despensa onde nascia uma estreita escada em madeira que conduzia a um sótão que me provocava um fascínio permanente. Um sótão, nessa idade de criança, era um mundo imaginário, um local que devia esconder com certeza vários objectos desconhecidos e que aguardavam por mim. Por isso passava lá horas a remexer a tralha numa expectante caça ao tesouro que nunca produziu qualquer resultado. Havia nesse sótão uma janela, ao nível dos joelhos, que permitia acesso ao

telhado onde, sentado nas telhas com os pés no algeroz de cimento, eu vivi horas mágicas. Talvez fosse isso o tesouro do sótão. Ficava ali, como gato no telhado, a ver passar as pessoas que caminhavam, as carroças e, muito de vez em quando, um automóvel.

Imaginava os destinos dos carros. Sabia que havia outras terras, outros mundos e outras gentes para além daquele meu horizonte limitado. E prometia a mim próprio que um dia iria conhecer alguns deles.

No quintal, havia dois tanques, duas figueiras com gordos figos que eu saboreava sentado nos ramos, um jardim que alimentava a paixão de minha mãe por flores e de que ela se ocupava pessoalmente. Também um forno onde se cozia um pão delicioso, ao lado de um galinheiro e uma coelheira. A área construída tinha ainda uma adega com um lagar. Nele passei alegres momentos a pisar as uvas que produziam abundante vinho. Num canto do quintal, junto ao muro, a palmeira que já ia alta e grossa quando eu nasci, cujos ramos encostados ao beiral eram um convite à aventura de descer do telhado por ali, tentação a que sempre resisti. Mas os meus irmãos utilizavam-na para poder entrar e sair pela janela do sótão, clandestinamente, e ir aos bailaricos animados por acordeonistas sem o pai suspeitar. Pelo sim pelo não, minha mãe ficava acordada até regressarem, vigiando o sono do patriarca. E havia o poço, fundo e com muita água. À volta dele, uma burra com palas que a impediam de olhar para o lado, caminhava pachorrentamente em contínua viagem de circum-navegação para que os alcatruzes da velha nora elevassem a água necessária ao consumo.

Como era hábito nesses tempos, na maioria das aldeias não tínhamos água canalizada. O banho era tomado num alguidar no Inverno e nos tanques no Verão. Não havia electricidade. Nem instalações sanitárias, sendo as necessidades fisiológicas satisfeitas no quintal e logo misturadas com a terra com que as cobríamos.

Só no regresso de Angola se instalou canalização e electricidade e se construiu uma casa de banho. A burra, que entretanto morrera, deu lugar a uma bomba eléctrica para puxar a água do poço. Entraram então os electrodomésticos para a cozinha. Nos meus anos de miúdo, até à partida para Angola, era na enorme lareira que se cozinhava. Também funcionava como uma espécie

de aquecimento central. Acesa todo o dia, o seu calor espalhava-se por várias zonas da casa. E, no seu interior, estavam pendurados os enchidos caseiros para secarem e serem fumados. Não havia telefonia lá em casa. E dizem-me que de vez em quando, num barracão, havia sessões de cinema ambulante.

Se o sótão era o local do sonho, a lareira de que guardo memória intensa e nítida era a minha sala de aula. Era suficientemente grande para nos sentarmos lá dentro, eu e a minha irmã Celeste – que eu considero minha segunda mãe – no conforto do calor, no Inverno. Fazíamos serões de ensino. Foi assim que aprendi, precocemente, a ler, escrever, fazer contas, a tabuada. Por exibir as minhas habilidades como se fosse um macaquinho, nasceu espontaneamente uma espécie de clube de fãs entre as vizinhas. As minhas primeiras fãs! Mas não apenas por isso. Uma outra habilidade, bem mais complexa, transformou-se, desde o primeiro dia, no meu maior êxito.

Toda a minha família era católica e minha mãe mais católica que todos nós juntos. Ela tinha visto o milagre do Sol em Fátima! Assim, era obrigatório ir semanalmente à missa. Todos os domingos de manhãzinha, lá íamos a pé, através do campo, até Parceiros de Igreja, sede de freguesia onde se realizava a liturgia.

De tanto ir à missa desde que nasci, e pela atenção que prestava às palavras e ao cerimonial, acabei por decorar praticamente todo o texto e gestos da celebração, que conseguia reproduzir com sons muito próximos do latim. Certo dia, resolvi celebrar uma missa para a minha mãe e para a minha irmã. Foi um sucesso de tal forma que a mãe Emília não conseguiu guardar segredo e gabou-me junto das vizinhas. E assim este Padre Cruz encostou uns caixotes à parede do poço, como altar, recortou em papel umas hóstias e oficiou a sua primeira missa. O êxito obrigar-me-ia a repetir a gracinha mais meia dúzia de vezes. Para mim, não passava de uma brincadeira, um jogo, uma representação teatral que me divertia.

De acordo com a tradicional classificação por classes, diria que pertencíamos à classe média, talvez mesmo média alta, da aldeia, em função dos rendimentos. Meu pai possuía cinco fazendas, com oliveiras, figueiras e parreiras, onde procedia às culturas tradicionais. Tinha ainda uma destilaria onde fabricava aguardente de figo e um vinho doce que baptizou de «Eduardinho» e que eu provava

às escondidas directamente do barril. E gostava! Vivíamos portanto desafogadamente mas sem extravagâncias. O chefe da família era poupadíssimo e minha mãe tinha que fazer algum esforço para se manter dentro do orçamento que lhe era imposto. O luxo ou o supérfluo não entravam naquela casa.

Apesar do muito tempo que passou, guardo muitas imagens da minha infância na aldeia, embora desordenadas, como um *patchwork*.

Numa delas, estou sentado na soleira da porta da frente, a pouco mais de dois metros do alcatroado. Gostava do cheiro do alcatrão, quando apareciam os cantoneiros a fazer reparações e pôr remendos nas falhas da estrada. Às vezes, à noite, sentava-me para ver os muitos pirilampos a que dávamos o nome de «luzecus» e tentava aprisionar algum numa caixa de fósforos. E foi também sentado nessa soleira que eu vi, pela primeira vez, um automóvel. Entrei a correr em casa e, excitado, descrevi a minha visão: era um carro preto, baixinho, que passou e desapareceu lá ao fundo, junto à capela, na curva. Soube, posteriormente, que tinha visto um *Citroën* conhecido por «arrastadeira».

De vez em quando atravessava a estrada, passava por uma fonte, seguia em frente até um caminho estreito ladeado por silvas e entre-tinha-me a apanhar e a comer as abundantes e saborosas amoras. Regressava com as mãos e a boca pretas, nódoas na roupa e, às vezes, com rasgões e arranhões causados pelos espinhos dos arbustos.

Se continuasse por esse caminho, duas centenas de metros à frente, encontrava a eira de meu pai onde, no Verão, milhares de figos mirravam ao sol, a secar, para virem a ser a matéria-prima do fabrico de aguardente. Dessa eira guardo saudades das noites das desfolhadas. As pessoas sentadas no chão, em semicírculo, desfolhavam o milho e divertiam-se com cantigas, às vezes ao desafio, e com piadas brejeiras em duelos entre homens e mulheres.

Vem destas origens e destes estados de alma o meu gosto pelo campo. São ecos dos momentos de infância que coexistem com a saudade de África, nomeadamente Angola. Duas atmosferas, dois amores.

Não era raro ir com minha mãe levar o almoço a meu pai que se encontrava nesta ou naquela fazenda a dirigir o pessoal. Eu gostava de almoçar com ele, à sombra de uma figueira ou de uma oliveira.